

PRODUÇÕES ORAIS E ESCRITAS DOS DITONGOS [aj], [ej] e [ow]:

DADOS DE SÃO JOSÉ DO NORTE/RS

Veronica Santos do Amaral¹

Giovana Ferreira Gonçalves²

RESUMO: Os ditongos decrescentes [aj], [ej] e [ow] podem ser compreendidos como resultantes da inserção de um glide à forma subjacente (BISOL, 1989) ou como decorrentes do apagamento da semivogal (CABREIRA, 1996). Adamoli (2006), quanto à aquisição gráfica dessas sequências, defende que são constituídas por apenas uma vogal na subjacência. O presente trabalho investiga o processo de aquisição da escrita dos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow] na cidade de São José do Norte/RS, assim como a relação que se estabelece entre língua falada e língua escrita nesse processo. Os sujeitos pertencem às turmas da 1ª, 2ª, 3ª e 6ª série de duas escolas públicas, uma da zona urbana e outra da zona rural. Foram elaborados três instrumentos de coleta de dados, sendo um destinado à coleta oral e dois à coleta escrita. O instrumento da coleta oral continha 62 figuras, apresentadas a cada sujeito por meio de um computador. Quanto à coleta escrita, um instrumento foi elaborado para os alunos da 1ª, 2ª e 3ª séries e outro, para os alunos da 6ª série. As palavras da coleta escrita foram as mesmas trabalhadas na oralidade. Os resultados confirmam a proposta de Bisol (1989) acerca da existência de apenas um elemento vocálico na representação mental dos aprendizes, tendo em vista o expressivo número de reduções na escrita realizadas nas séries iniciais. A gradual apropriação dos ditongos na escrita, bem como a produção oral das sequências [aj], [ej] e [ow], de forma mais recorrente, pelos sujeitos da 3ª série, corroboram a possibilidade de esses ditongos emergirem na representação mental a partir do contato dos sujeitos com a escrita.

PALAVRAS-CHAVE: ditongos fonéticos; aquisição da escrita; fatores sociais

RÉSUMÉ: Les diphtongues du Portugais du Brésil [aj], [ej] et [ow] peuvent être comprises comme le résultat de l'insertion d'un *glide* à la forme sous-jacente (BISOL, 1989) ou de l'effacement de la semivoyelle (Cabrera, 1996). En ce qui concerne l'acquisition écrite de ces séquences, Adamoli (2006) soutient qu'elles sont composées d'une seule voyelle sous-jacente. Ce travail cherche à mieux cerner le processus d'acquisition de l'écrit des diphtongues orales [aj], [ej] et [ow] dans la ville de São José do Norte / RS, ainsi que la relation qui existe entre les langues parlée et écrite. Les informateurs appartiennent aux classes de la 1^{re}, 2^{ème}, 3^{ème} et 6^{ème} années de deux écoles : l'une urbaine, l'autre rurale. Trois sont les supports mis au point pour les collectes des données : l'un adressé aux données

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pelotas, veronica.sjn@hotmail.com

² Doutora em Letras; Professora Adjunta da Universidade Federal de Pelotas; Bolsista de Produtividade do CNPq; gfgb@terra.com.br

oraux et les deux autres aux données écrites. Celui utilisé pour l'oral comprend 62 images présentées au moyen d'un écran d'ordinateur. Pour l'écrit, un instrument a été élaborée pour les élèves des 1^{re}, 2^{ème} et 3^{ème} et l'autre pour les élèves de 6^{ème}. Les mêmes mots ont été employés pour la réalisation des collectes écrites et orales. Les résultats obtenus vont dans la direction de ce que Bisol (1989) avait déjà proposé : il y aurait un seul élément vocalique dans la représentation mentale des élèves, compte tenu du nombre important des réductions faites par écrit dans les premières années d'études. L'appropriation progressive des diphtongues – pour ce qui est de l'écrit - ainsi que la production orale des séquences [aj], [ej] et [ow], par les informateurs de la 3^{ème}, soutiennent l'idée d'une possible émergence de ces diphtongues dans la représentation mentale à partir du contact des élèves avec la langue écrite.

MOTS-CLÉS: diphtongues phonétiques ; l'acquisition de l'écrit; facteurs sociaux.

1. Introdução

Neste artigo, apresentamos uma pesquisa acerca da produção oral e escrita dos ditongos orais decrescentes do português – mais especificamente os ditongos passíveis de variação, ou seja, [aj], [ej] e [ow] –, por alunos de escolas da rede pública das zonas urbana e rural do município de São José do Norte/RS.

A variação na produção dos ditongos ocorre porque ora a pronúncia inclui a presença da semivogal, c[aj]xa, ora não, c[a]xa. O comportamento variável desses ditongos sugere, portanto, implicações para a aquisição gráfica, revelando o papel da fonologia no processo de apropriação da escrita.

Muitos são os trabalhos que têm sido dedicados ao estabelecimento de relações entre oralidade e escrita, trazendo significativas contribuições acerca das motivações de ordem fonológica que levam crianças de séries iniciais a produzirem erros (ABAURRE, 1999; CHACON, 2008; ADAMOLI, 2006; ADAMOLI, 2013, entre outros). Esses trabalhos permitem-nos chegar a algumas respostas relativas às relações que os aprendizes fazem durante o processo de aquisição da linguagem escrita, bem como das possíveis interferências do sistema escrito na reorganização da representação fonológica.

Em relação às pesquisas voltadas para a aquisição dos ditongos do português passíveis de variação, algumas investigam dados da língua escrita, como Tessari (2002), Guimarães (2005) e Adamoli (2006); outras analisam dados de língua oral, como Bonilha (2000), Amaral (2005) e Silva (2005), dentre outros. A relação entre língua falada e língua escrita está, no entanto, significativamente presente no período da alfabetização, sendo relevante olhar para

dados relativos aos dois tipos de produção, principalmente quando o fenômeno investigado pode se comportar como uma forma variável na língua: cad[e]ra ~ cad[ej]ra, c[a]xa ~ c[aj]xa, tes[o]ra ~ [tes[ow]ra.

O presente estudo aborda, então, aspectos tanto da interferência da língua falada na escrita dos ditongos “ai”, “ei” e “ou”, de alunos de séries iniciais, quanto da influência da língua escrita na reconfiguração do sistema fonológico, ou seja, em relação a uma representação fonológica que expresse ou não a presença das vogais altas /i/ e /u/, como em /kaiSa/ ou /kaSa/. Buscaremos, também, evidenciar o papel de variáveis extralinguísticas – como sexo, grupo geográfico (zona urbana ou zona rural) e nível de escolaridade – nas produções orais e escritas dos referidos ditongos.

Assim, soma-se aos estudos já existentes sobre ditongos fonéticos do Português (CABREIRA, 1996; TASCA, 2002; LOPES, 2002; ADAMOLI, 2006; ADAMOLI, 2013) e sobre a relação entre língua falada e língua escrita, buscando, no entanto, outros olhares sobre o fenômeno.

Buscamos verificar se a produção escrita dos ditongos ocorrerá de forma adequada à medida que as séries avançam, bem como constatar alterações na pronúncia dos alunos – com a emergência da realização fonética do glide –, à medida que as produções da semivogal na escrita aumentam.

Este artigo está dividido em cinco seções, considerando-se a Introdução. Na seção 2, apresentamos os pressupostos teóricos básicos relativos ao objeto de investigação, ou seja, os ditongos variáveis do português, incluindo informações sobre seu comportamento na língua portuguesa e sobre seu processo de aquisição, tanto oral quanto escrita. A Metodologia é abordada na seção 3, espaço dedicado a informações relativas aos sujeitos da pesquisa, aos procedimentos adotados e às variáveis extralinguísticas consideradas. Na seção 4, a descrição e análise dos dados orais, com ênfase no papel de diferentes variáveis extralinguísticas e na interlocução dos resultados com propostas da literatura da área. Na seção 5, os resultados relativos às produções escritas. Por fim, na seção 6, nossas considerações finais.

2. Os ditongos no português – formas variáveis

Dos três ditongos passíveis de realização variável – [aj], [ej] e [ow] –, o ditongo [ow] sofre monotongação de forma praticamente categórica no PB, principalmente quando ocorre em verbos: *calou* [ka'lo], *botou* [bo'to]. Já em substantivos e adjetivos, a redução só ocorre quando o ditongo [ow] se localiza no meio da palavra: *touca* [‘to.ka].

A redução atinge percentuais muito elevados, em torno de 98%, conforme Cabreira (1996), sendo possível destacar alguns fatores que atuam como facilitadores da monotongação: contexto seguinte – consoante palatal ou labial; tonicidade – sílaba tônica; valor fonemático – ditongos sem valor fonemático.

Conforme Collischonn (1996), a monotongação do ditongo [ow] pode ser interpretada como apagamento ou reanálise – apenas uma vogal na forma subjacente. Bonilha (2000), com base nos dados da aquisição da fonologia, constata que o ditongo [ow] não foi realizado pelas crianças em 99,5% das 218 possibilidades de produção. A autora, então, propõe que a realização do ditongo [ow] como [o] seja interpretada como reanálise no início da aquisição fonológica e como apagamento em etapas mais avançadas da aquisição.

Bisol (1989), ao abordar os ditongos decrescentes do português brasileiro, classifica-os em pesados e leves, sendo que, no primeiro grupo, os ditongos estão associados a duas posições no *tier* da rima – conforme (1) – já no segundo, a uma só – conforme (2). O ditongo pesado é considerado como verdadeiro ditongo, pois possui uma sílaba complexa, com a preservação da semivogal; o ditongo leve é o falso ditongo, devido à constituição de uma rima simples e à tendência a sofrer o apagamento da semivogal. Os ditongos leves são, então, originados no *tier* melódico por meio de processos assimilatórios.

(1) /lei/



(2) /bejo/



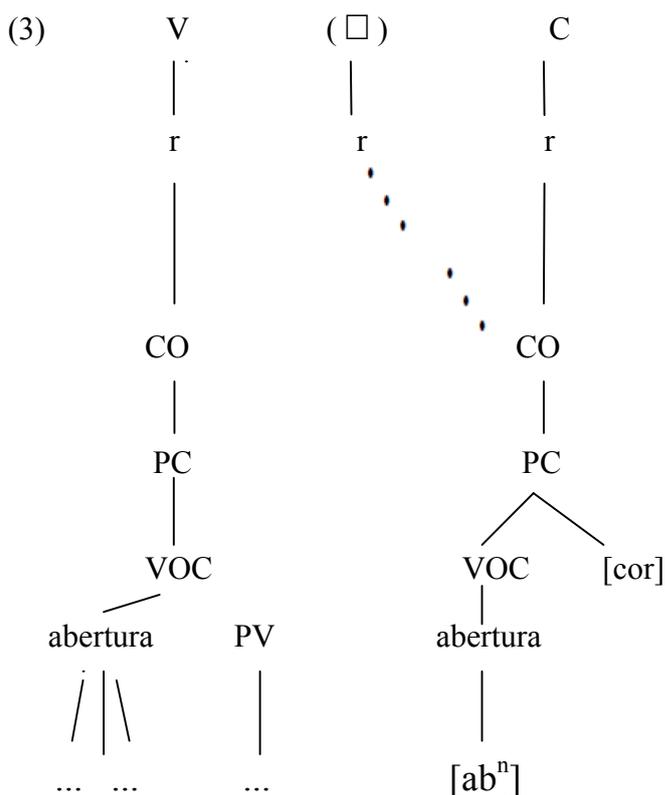
O ditongo seguido de uma palatal, por exemplo, apresenta apenas uma vogal na subjacência – /'kaʃa/, /'peʃe/ –, pois o glide surgirá devido ao espraçamento do nó vocálico da palatal, que ocorre para a esquerda.

Quanto ao ditongo [ej], diante da vibrante simples, a autora considera como um ditongo leve, pois esse alterna com a vogal simples sem ocorrer mudança de sentido. Bisol (1989) exemplifica o ditongo [ej], distribuindo-o em quatro classes: a) palavras em correspondência pela relação -ario e -eiro: *bancário, banqueiro*; b) palavras em correspondência pela relação -aria e -eiro: *padaria, padeiro*; c) sufixos formadores de nome, mas sem as relações mencionadas: *formiga, formigueiro*; d) em qualquer ambiente, incluindo raiz ou radical: *feira, beira*.

Por meio da análise desses dados, a autora concluiu que o ditongo [ej], diante da vibrante simples, possui apenas uma vogal na forma subjacente, assim como os ditongos [aj] e [ej] diante da palatal, surgindo o glide no *tier* melódico, em um nível mais próximo à forma de superfície.

Cabreira (1996) refuta essa proposta, para o autor, esses ditongos são reduzidos pela aplicação de uma regra de assimilação, em que a semivogal é suprimida por apresentar traços fonológicos comuns às consoantes que a seguem. O que temos, então, é o processo de monotongação.

Bisol (2012) retoma a distinção entre os verdadeiros e falsos ditongos. Neste trabalho, a autora propõe uma só representação para os ditongos: a) diante de palatal (*caixa~caxa, peixe~pexe*); b) diante de /S/ pós-vocálico em sílaba final, acentuada e c) diante de tepe (*mamadeira~mamadera, beira~bera*), conforme (3).



De acordo com a representação em (3), as consoantes que participam dessa estrutura possuem o traço [vocálico], ou seja, são consoantes complexas. Além disso, a consoante deve possuir o grau mínimo de abertura (vogal alta) e o traço [coronal]. O traço [vocálico], o traço [coronal] e a abertura são expandidos, juntamente com o nó de classe de traços – cavidade oral (CO). A expansão de um nó de classe de traços, ou seja, a cavidade oral (CO), cria um novo segmento, devido a essa cavidade carregar os seus vários dependentes.

De acordo com a proposta de Bisol (1989, 2012), os ditongos variáveis em português, [aj] e [ej], são resultantes de processos assimilatórios e não passíveis de processos de monotongação.

Em estudo voltado para a aquisição dos ditongos orais decrescentes do português, Bonilha (2000) constatou, em relação à produção dos ditongos [aj] e [ej], que as crianças produzem, em 100% das possibilidades de ocorrência, apenas a vogal base dos ditongos fonéticos. Para a autora, os dados da aquisição da fonologia corroboram a proposta de Bisol (1989), em que os ditongos fonéticos são constituídos por apenas uma vogal na representação fonológica.

2.1 Os ditongos variáveis na escrita

Apesar de o processo de monotongação ser referido em vários trabalhos que versam sobre a aquisição da ortografia, há poucos estudos especificamente voltados para a emergência dos ditongos na escrita.

Tasca (2002) trata sobre aspectos da interferência da língua falada na escrita, detendo-se nos ditongos [ej] e [ow] e no processo de vocalização de [l] em final de sílaba, sendo esses processos investigados em turmas de 2^a, 3^a e 4^a séries, em quatro escolas de Porto Alegre/RS.

Em todas as séries, nas quatro escolas, foram coletados dados de duas turmas, com a intenção de comparar uma turma que recebia instrução acerca da escrita dos fenômenos em análise com outra turma que não recebia essa orientação.

A autora considerou algumas variáveis linguísticas e extralinguísticas a fim de analisar o fenômeno da monotongação dos ditongos [ej] e [ow] na escrita. As variáveis extralinguísticas consideradas foram: tipo de escola, nível escolar dos alunos, sexo e orientação direcionada.

Tasca (2002) tinha como um dos objetivos verificar se uma orientação pedagógica direcionada facilitaria ou não a aquisição da escrita dos ditongos. Ela constatou que tanto no ditongo [ej] quanto no ditongo [ow] essa variável foi significativa, de forma que os alunos que receberam a informação sobre a relação entre língua falada e língua escrita suprimiram menos as semivogais [j] e [w].

Adamoli (2006) investigou a aquisição gráfica dos ditongos orais mediais na escrita de alunos de 1^a e 2^a séries do ensino fundamental. O autor constatou que os ditongos [aj], [ej] e [ow] são os grupos vocálicos com maior probabilidade de sofrer modificações gráficas. Conforme o autor, as variáveis mais significativas para a ocorrência da supressão do glide nos ditongos [ej] e [ow] são os fatores contexto seguinte e o tipo de escola.

O autor constatou que, dentre os ditongos fonéticos, o que menos sofreu redução na escrita dos alunos foi o ditongo 'ai', enquanto o ditongo 'ou' foi o que mais sofreu apagamento da semivogal.

Em Adamoli (2013), o autor volta-se novamente para o estudo sobre os ditongos variáveis [aj] e [ej] do PB, desta vez, abordando o estatuto fonológico desses grupos vocálicos por meio de dados orais e escritos produzidos por crianças de séries iniciais.

O autor acompanhou 15 alunos durante os dois primeiros anos do período da alfabetização, na tentativa de argumentar sobre a representação fonológica dos ditongos [aj] e

[ej]. Defende, então, que, a partir da aprendizagem da escrita, as crianças começariam a perceber esses grupos vocálicos, passando a pronunciá-los. O autor se posiciona, também, favorável à ideia de que esses ditongos sejam constituídos apenas pela vogal base na subjacência e que, só a partir do processo de aquisição da escrita, as crianças passariam a percebê-los como uma estrutura VV (*vogal + vogal*).

Em relação à metodologia, o autor teve como base a produção oral e escrita dos ditongos [aj] e [ej]. Durante o 1º ano de investigação, foram realizadas duas coletas orais e uma escrita; quando os alunos estavam no 2o. ano, foram realizadas, então, mais duas coletas orais e mais duas coletas escritas. Para a coleta oral, o autor utilizou um conjunto de figuras e três sequências narrativas, sendo que as mesmas figuras da coleta oral foram utilizadas para a obtenção dos dados de escrita.

Na coleta oral, cabia aos alunos informar o nome de cada figura apresentada por meio de um computador. Na terceira coleta, porém, antes de o aluno começar a nomear as figuras, recebia a instrução de que deveria produzir as palavras como se fosse um professor, portanto, houve uma mudança no papel social do informante. Na quarta coleta, foram apresentadas sequências narrativas sem legendas para que os aprendizes contassem, oralmente, o que ocorria em cada estória.

Quanto aos dados orais, o autor constatou uma baixa frequência de produção nas duas coletas realizadas no 1º ano de investigação. Na 1ª coleta, a produção de [aj] totalizou 5,5%; na 2ª coleta, 6,6%. Quanto ao ditongo [ej], a produção alcançou 5% e 6,6%, na 1ª e 2ª coletas, respectivamente. No 2º ano escolar, os resultados apontaram um aumento significativo na produção da semivogal [j]. Na terceira coleta, quanto ao ditongo [aj], a produção alcançou 46%; em relação ao ditongo [ej], 61% de produção. Salienta-se que, nessa coleta, os índices de produção dos ditongos [aj] e [ej] foram bem mais elevados do que nas outras duas coletas realizadas, o que provavelmente esteja associado à troca de papel social dos informantes, que pronunciavam as palavras como se fossem professores. Na quarta e última coleta, o ditongo [aj] totalizou 63% de produção; o ditongo [ej] obteve 44% de manutenção de [j].

Em relação à grafia, o ditongo ‘ai’ apresentou 36% de produção, na 1ª coleta, realizada no 1º ano escolar. Na 2ª investigação, já no segundo ano, o ditongo apresentou 81% de manutenção da vogal ‘i’. Quanto à grafia do ditongo ‘ei’, os resultados indicaram 57% de produção, na 1ª coleta; na 2ª e 3ª coletas, os índices de produção totalizaram 80% e 83%, respectivamente. Segundo Adamoli (2013), as crianças praticamente já se apropriaram das formas convencionais dos ditongos ‘ai’ e ‘ei’, na 2ª série da alfabetização, pois os índices de produção giraram em torno de 80%.

Segundo o autor, os resultados obtidos parecem indicar uma influência da aquisição da escrita sobre o conhecimento fonológico das crianças, possibilitando, assim, uma reconfiguração de seu conhecimento sobre os ditongos variáveis [aj] e [ej].

Neste tópico apresentamos alguns resultados de trabalhos referentes à aquisição escrita dos ditongos fonéticos. No próximo item, abordaremos algumas considerações acerca da metodologia empregada para o desenvolvimento de nossa pesquisa.

3. Metodologia

O município de São José do Norte, de origem açoriana, é um dos mais antigos do Estado do Rio Grande do Sul, sendo composto por 3 Distritos, com localidades situadas na zona urbana e na zona rural. A possibilidade de estudar a variedade linguística dessa região e, especialmente, de lançar um olhar mais detalhado sobre produções das zonas urbana e rural foi um dos motivos da escolha da referida cidade. Muitas pesquisas que levam em conta a relação entre língua oral e língua escrita envolvem, justamente, sujeitos de escolas particulares e públicas apenas da zona urbana, como Tasca (2002) e Adamoli (2006, 2013).

3.1 Os sujeitos e as escolas

Os sujeitos envolvidos na presente investigação refletem, portanto, uma outra realidade. São 106 alunos, sendo que 54 pertencem a uma escola da zona urbana e 47, a uma escola da zona rural, na localidade de Barranco.

No quadro 01, a distribuição dos sujeitos por séries e escolas.

Quadro 01 - Distribuição dos alunos nas séries e escolas

Série	Zona urbana	Zona rural
	Escola - centro	Escola - 1º Distrito
1ª	13	13
2ª	12	8
3ª	14	12
6ª	15	14
Total	54	47

As idades dos sujeitos variam entre sete a quinze anos, com médias de idade de 9 anos, na 1ª. série; 10, na 2ª.; 11, na 3ª. e 13, na 4ª. As crianças envolvidas nesta pesquisa pertencem às turmas de 1ª, 2ª, 3ª e 6ª série do ensino fundamental (2º, 3º, 4º e 7º ano, respectivamente).

Optamos por não investigar o 1º ano da alfabetização por ser o primeiro contato com uma nova modalidade de linguagem – a escrita. Esta fase escolar é o momento em que a criança começa a formular hipóteses, refletindo sobre a relação entre a modalidade da língua oral, já dominada pela criança, e a sua representação por meio dos grafemas. Investigamos os dados dos alunos da 6ª série (7º ano), pois nosso interesse é comparar o desempenho de alunos em período de alfabetização (1ª, 2ª e 3ª série) com o desempenho de alunos fora deste período (6ª série).

3.2 Coleta oral - 1ª etapa

A coleta oral foi realizada anteriormente à coleta escrita, de forma a evitar que determinados ditongos fossem pronunciados pelo contato recente que a criança pudesse ter apresentado com a forma escrita.

O instrumento referente à coleta oral continha 62 figuras, mostradas a cada aluno, por meio de um computador. Das 62 imagens apresentadas no instrumento, 47 eram palavras alvo, sendo 15 distratoras. Das palavras alvo, 4 continham o ditongo [aj] em sua estrutura; 16, o ditongo [ej] e 27, o ditongo [ow].

A coleta oral ocorreu de forma individual, em uma sala de aula disponibilizada pela escola para a realização da atividade. Antes de iniciarmos a coleta, explicávamos qual seria a tarefa do aluno. Dizíamos que as figuras seriam expostas uma de cada vez, e que o aluno deveria: (i) reconhecer a figura e pronunciar o nome dela e, por fim, (ii) construir uma frase utilizando o nome da figura.

A Figura 01 apresenta alguns exemplos de imagens que fizeram parte dos instrumentos de coleta de dados elaborados.



Figura 01 - Exemplos de imagens utilizadas nos instrumentos de coleta de dados

As imagens foram selecionadas com o cuidado de não incluir nenhuma figura desconhecida. Ao escolher as figuras, levamos em conta, também, os contextos mais prováveis ao favorecimento do apagamento das semivogais [j] e [w].

Na coleta oral, havia uma ficha de controle para cada aluno, de forma que fosse possível ao pesquisador fazer anotações, no momento da coleta, referentes às pronúncias, dúvidas e dificuldades em relação às figuras.

As gravações ocorreram com a utilização de um gravador digital de alta definição, modelo Zoom H4N, nas dependências das escolas.

Os dados foram transcritos, com base em outiva. A revisão dos dados foi realizada por um bolsista de iniciação científica, no Laboratório de Emergência da Linguagem Oral (LELO). Dados duvidosos foram submetidos a revisões, por mais dois bolsistas e, permanecendo divergências, foram descartados.

3.3 Coleta escrita - 2ª etapa

Logo após a coleta oral, foi realizada, em sala de aula, a coleta escrita. Foram elaborados dois tipos de instrumentos de coleta de dados para a *amostra* de língua escrita, de forma a se tornarem interessantes para crianças de diferentes faixas etárias.

Aos alunos de 1ª, 2ª e 3ª séries, foi entregue um instrumento contendo as imagens das figuras mostradas no computador anteriormente, com a finalidade de escreverem a palavra relativa a cada figura. Essa coleta foi dividida em duas etapas a fim de não se tornar muito cansativa aos alunos.

Primeiramente, entregamos um material impresso contendo 31 imagens e pedimos aos alunos para escreverem o nome de cada figura, informando que as figuras eram as mesmas

utilizadas na coleta oral. Assim que um aluno concluía a 1ª etapa, entregávamos mais um material contendo, também, 31 imagens para dar sequência à tarefa.

Na Figura 02, apresentamos um exemplo do instrumento da coleta escrita elaborado para os alunos da 1ª, 2ª e 3ª série.

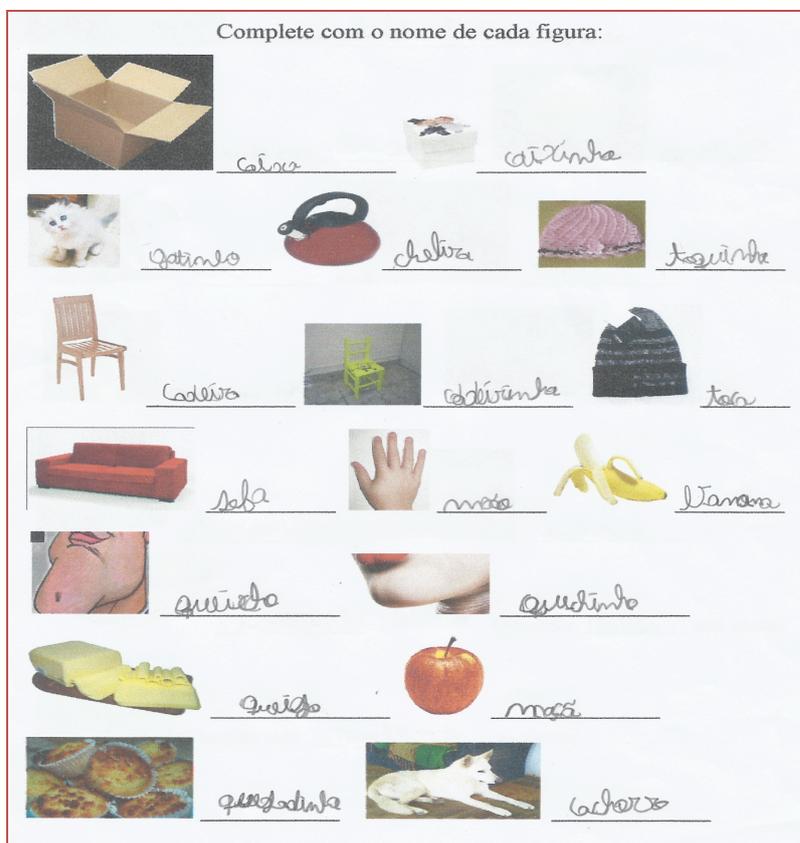


Figura 02 - Exemplo do instrumento de coleta de dados para os alunos da 1ª, 2ª e 3ª séries

Para os alunos de 6ª série, o instrumento continha frases com espaços em branco a fim de que fossem completadas. As palavras a serem utilizadas eram as mesmas trabalhadas na coleta oral. A Figura 03 apresenta um exemplo do instrumento de coleta de dados elaborado para os alunos da 6ª série.

1. A Bandeira do Brasil é verde e amarela.
2. Minha avó adora sentar em sua cadeira preferida.
3. Em todas as refeições, nós devemos comer arroz e feijão.
4. A bruxa voa com sua varinha.
5. O bebê toma leite na sua mamadeira antes de dormir.
6. Nas festas juninas, as bandeirinhas fazem parte da decoração.
7. Aquele aquário tem um peixinho.
8. Aquele peixe vive no mar.
9. A população fez uma rua enorme com a finalidade de impedir a morte de outras pessoas naquela estrada.
10. O rosto dela é perfeito e a parte que eu acho mais bonita é o seu queixo.

Figura 03 – Exemplo do instrumento de coleta de dados para os alunos da 6ª série

3.4 As variáveis

A fim de investigar o apagamento das semivogais dos ditongos orais na fala e na escrita dos alunos de 1ª, 2ª, 3ª e 6ª série, selecionamos algumas variáveis para a análise do fenômeno.

Foram consideradas variáveis de natureza linguística e de natureza extralinguística, uma vez que o fenômeno investigado apresenta-se como forma variável na oralidade. O papel de tais variáveis foi controlado por meio do programa *SPSS Statistics*, versão 17.0. No presente artigo, reportaremos, apenas, as variáveis extralinguísticas.

Como variáveis dependentes, então, foram controladas as realizações orais ditongos [aj], [ej] e [ow], bem como as produções escritas “ai”, “ei” e “ou”.

Em relação às variáveis extralinguísticas, controlamos o papel da série, sexo e zona geográfica da escola.

Com a finalidade de acompanhar a evolução do processo de aquisição gráfica dos ditongos fonéticos, foram escolhidas as turmas de 1ª, 2ª, 3ª e 6ª série (2º, 3º, 4º e 7º ano) de

duas escolas. Optou-se, também, pela turma de 6ª série, pela razão de ser um dos objetivos verificar se as crianças, após as séries iniciais, diminuem a quantidade de omissões das semivogais desses ditongos e se, com o avanço da escolaridade, há uma maior produção dos ditongos na oralidade.

No presente trabalho, os sujeitos não estão distribuídos de forma regular em relação à variável sexo, como pode ser observado no Quadro 02. A aplicação do programa estatístico SPSS v.17.0, no entanto, tornará possível trazeremos resultados acerca do papel da variável sexo.

Quadro 02 – Distribuição dos sujeitos quanto à variável sexo

Série	Zona urbana		Zona rural	
	menino	menina	menino	menina
1ª	7	6	8	5
2ª	4	8	3	5
3ª	7	7	3	9
6ª	3	12	4	10
Total	21	33	18	29

Nos estudos relacionados ao processo de monotongação, envolvendo dados de escrita infantil, a variável sexo tem se mostrado influente quanto à aplicação da regra. Mollica (1998) demonstrou que as meninas, se comparadas aos meninos, apresentam maior facilidade em relação à aprendizagem de formas linguísticas consideradas prestigiadas socialmente. Pereira (2004), investigando a monotongação dos ditongos [aj], [ej] e [ow] por informantes de Tubarão/SC, considerou o sexo como uma das variáveis extralinguísticas, devido ao fato de a literatura da área geralmente apontar que o sexo masculino realiza, com maior frequência do que as mulheres, as variantes estigmatizadas. Em sua pesquisa, no entanto, a autora constatou um índice de apagamento das semivogais na mesma proporção para ambos os sexos.

Por fim, verificamos, ainda, o papel da variável zona geográfica da escola. A linguagem da população da zona rural apresenta algumas características próprias devido ao conservadorismo de regiões isoladas (AMARAL, 2000). Devido às peculiaridades em relação à linguagem da população rural, a variável zona da escola torna-se, pois, relevante.

No caso de São José do Norte, a estrada que liga a zona rural à cidade, mais conhecida como Estrada do Inferno, foi concluída em 2009, por isso, acreditamos que, anteriormente à conclusão desta estrada, os habitantes da zona rural apresentavam mais particularidades em sua linguagem devido ao isolamento e à dificuldade de chegar à cidade.

4. Produção oral dos ditongos [aj] e [ej] e [ow]

Apresentamos o resultado total de produção dos ditongos [aj], [ej] e [ow] na oralidade, conforme o Gráfico 1. Esse resultado é a soma total de produção, sendo considerada a produção na palavra isolada e em frase pelos alunos das turmas de 1ª, 2ª, 3ª e 6ª série da zona urbana e da zona rural de São José do Norte.

Ao compararmos a realização total dos ditongos [aj], [ej] e [ow], percebemos uma produção mais expressiva do ditongo [aj] e valores similares para a produção dos ditongos [ej] e [ow].

Em relação ao ditongo [aj], os resultados mostram que, em 45% das produções, a semivogal estava presente, sendo que apenas 4 palavras com esse ditongo são representativas da *amostra*.

No que diz respeito à produção oral dos ditongos [ej] e [ow], conforme o Gráfico 1, a semivogal foi preservada em 31% das ocorrências. Para Cabreira (1996), entre os ditongos fonéticos, o ditongo [aj] é o que menos sofre o processo de apagamento da semivogal. Já o ditongo [ow] é o que mais sofre o processo de monotongação e, ainda, frente a todos os ambientes, ou seja, independente de variáveis contextuais. Conforme as pesquisas variacionistas (CABREIRA, op. cit), a monotongação de [ow] é uma mudança praticamente consumada.

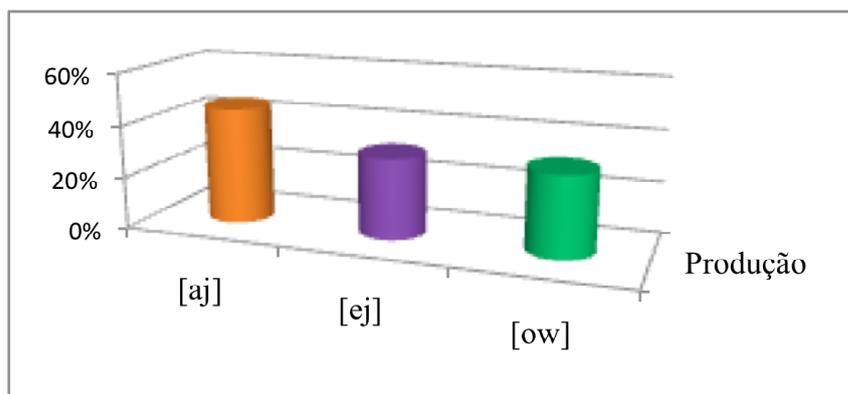


Gráfico 1 - Produção oral dos ditongos fonéticos em todas as séries – zonas

Pelo número restrito de palavras que apresentam contexto para a monotongação de [aj], é possível considerarmos que esse ditongo é o mais produzido justamente pelo papel da aprendizagem da escrita. Partimos da hipótese de que, no processo de aquisição da fonologia,

formas como *caixa* ['ka.Sa], por exemplo, são constituídas apenas pela vogal baixa na representação fonológica, tendo em vista os resultados de Bonilha (2000) já referidos na seção 2 do presente artigo. Com o desenvolvimento da escrita, no entanto, a vogal alta passa a fazer parte da representação, portanto, produções como ['ka.Sa], agora, passam a ser vistas como reduções de ditongos decrescentes. O percentual mais elevado da produção do ditongo [aj] pode estar, então, relacionado à apropriação da escrita de determinadas palavras, o que acaba por motivar a inserção do glide nas produções orais.

Ao compararmos as produções dos ditongos [ej] e [ow], percebemos que as taxas de realização desses ditongos são iguais, ou seja, em 31% das ocorrências, o ditongo [ej] foi produzido, assim como o ditongo [ow]. Adamoli (2013), na 3ª observação oral, que foi realizada na 2ª série, encontrou índices mais elevados para o ditongo [ej], com 61% de manutenção da semivogal. Esperávamos, portanto, também encontrar índices mais elevados para a realização de [ej], ainda mais considerando que o ditongo [ow] é aquele que mais sofre processo de redução no português.

Ao compararmos a produção oral dos ditongos [aj], [ej] e [ow] na zona urbana e na zona rural da cidade investigada, percebemos uma similaridade na realização dos ditongos, de acordo com o Gráfico 02.

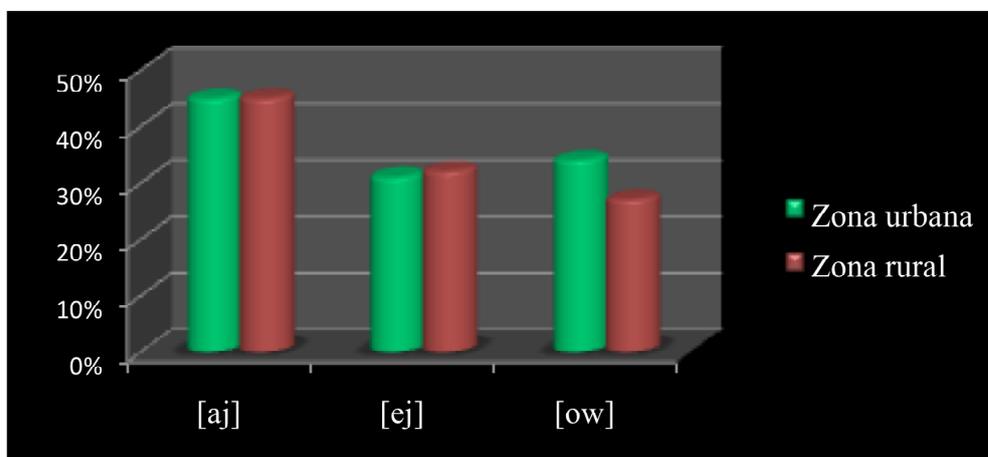


Gráfico 02 – Produção oral dos ditongos fonéticos – zona da escola

A aplicação do teste estatístico Kruskal-Wallis indicou que a zona de localização da escola, urbana ou rural, não interfere de forma significativa na produção dos ditongos ($p > 0,05$).

Uma das razões para a constatação de resultados tão similares pode estar no fato de os sujeitos da localidade do Barranco (1º Distrito) constituírem uma amostra mais heterogênea,

pois muitos alunos matriculam-se e permanecem na escola apenas no período da pesca e, logo após, vão estudar em uma escola no centro da cidade de São José do Norte. Alguns alunos, inclusive, vêm de Santa Catarina, pois seus pais pescam na cidade e, se a pesca for lucrativa, os alunos permanecem tanto na escola quanto na cidade até o mês de junho, caso contrário, retornam para Santa Catarina em maio. Todos os alunos circulam frequentemente pela cidade, pois a estrada que liga a zona rural à cidade está asfaltada, facilitando o acesso.

Em relação à produção oral dos ditongos [aj], [ej] e [ow], nas séries investigadas, conforme o Gráfico 03, observamos que o ditongo [aj] foi o mais realizado em todas as séries, lembrando que tínhamos apenas 4 palavras com esse grupo vocálico na *amostra*.

A aplicação do teste não paramétrico Kruskal-Wallis apontou diferenças significativas entre as séries ($X^2 = 22,87$, em palavras isoladas, e $21,20$ em frases, com $p = 0,00$). O teste de Mann-Whitney apontou diferenças significativas na produção do ditongo [aj] entre a 1ª e a 3ª séries ($Z = -4,13$, $p = 0,00$ em palavras isoladas; $Z = -4,71$, $p = 0,00$ em frases). Entre a 1ª e a 2ª séries, houve diferença significativa para a produção de [aj] apenas no contexto de frases ($Z = -2,00$, $p = 0,045$). Entre a 3ª e a 6ª séries o teste não paramétrico não apontou diferenças significativas ($p > 0,05$).

Ao focalizarmos o ditongo [ej], percebemos que a produção, na 1ª série, alcançou 15%; já a 2ª série, apresentou 29% de preservação da semivogal; na 3ª série, a produção conferiu 49%; a 6ª série totalizou 31% de realização do ditongo. A aplicação do teste não paramétrico Kruskal-Wallis novamente apontou diferenças significativas entre as séries ($X^2 = 23,94$, em palavras isoladas, e $25,22$ em frases, com $p = 0,00$). Assim como com o ditongo [aj], o teste de Mann-Whitney apontou diferenças significativas na produção do ditongo [ej] entre a 1ª e a 3ª séries ($Z = -4,52$, $p = 0,00$ em palavras isoladas; $Z = -4,48$, $p = 0,00$ em frases). Entre a 1ª e a 2ª séries, houve diferença significativa para a produção de [ej] apenas no contexto de frases ($Z = -2,27$, $p = 0,023$). Para a produção de [ej], chama a atenção o decréscimo significativo entre as realizações da 3ª e da 6ª séries no contexto de frases ($Z = -2,66$, $p = 0,008$).

O ditongo [ow] foi realizado em 18% das ocorrências, na 1ª série; a 2ª série apresentou uma produção de 23%; na 3ª série, a preservação da semivogal alcançou 39%; já na 6ª série, em 38% das ocorrências, a semivogal estava presente. O teste Kruskal-Wallis apontou diferenças significativas entre as séries ($X^2 = 22,42$, em palavras isoladas, e $24,94$ em frases, $p = 0,00$). A aplicação do teste de Mann-Whitney, na sequência, indicou diferenças significativas na produção do ditongo [ow] apenas entre a 1ª e a 3ª séries ($Z = -3,70$, $p = 0,00$ em palavras isoladas; $Z = -4,05$, $p = 0,00$ em frases).

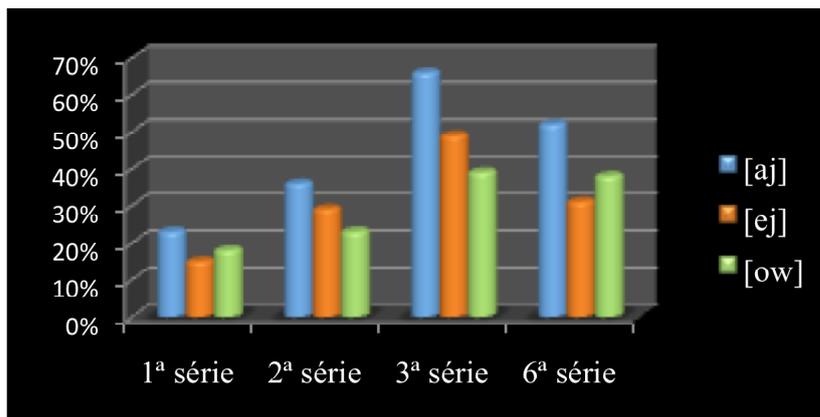


Gráfico 03 - Produção oral dos ditongos fonéticos - Séries

De acordo com o Gráfico 03, observamos que a 1ª série apresentou os índices mais baixos e, ainda, que o percentual de produção aumenta de forma significativa na 3ª série. Esse parece o momento crucial em relação à influência da escrita na produção oral dos ditongos [aj], [ej] e [ow].

Os resultados de produção dos ditongos [aj] e [ej], na pesquisa de Adamoli (2013), aumentaram significativamente, conforme o avanço escolar, ou seja, da 1ª para a 2ª série. Chamam a atenção os índices tão baixos de produção dos ditongos na 1ª série, por volta de 6%, se comparados aos encontrados no presente trabalho, ou seja, 23% para [aj] e 15% para [ej]. Os altos índices apresentados pelos sujeitos de Adamoli na 2ª série também chamam a atenção, principalmente se compararmos a produção do ditongo [ej], 29% nos dados de São José do Norte e 61% nos dados de Pelotas. As diferenças encontradas podem estar relacionadas a particularidades regionais ou ao recorte longitudinal dado pelo autor. Cabe referir também que os altos índices constatados por Adamoli podem estar relacionados a aspectos metodológicos relativos à coleta de dados, pois os alunos receberam, antes da coleta oral realizada na 2ª série, a instrução de que deveriam se comportar como um professor. Tal comando pode ser responsável pela diferença expressiva encontrada entre os grupos das duas localidades.

As duas turmas da 6ª série apresentaram índices percentuais de produção dos ditongos [aj], [ej] e [ow] mais baixos do que as duas turmas da 3ª série. Isso provavelmente ocorre porque, na 3ª série, com a apropriação dos ditongos, na escrita, as taxas de produção são elevadas, ocorrendo, assim, uma reestruturação da representação fonológica e a consequente inserção do glide na oralidade. Na 6ª série, ao contrário, os alunos já estão aplicando a regra

de monotongação, por isso os índices percentuais são mais baixos do que os da turma da 3ª série.

Finalizando esta seção, referimos os resultados relativos à variável sexo. Ao compararmos a produção oral dos ditongos [aj], [ej] e [ow] quanto essa variável, observamos que tanto o sexo masculino quanto o feminino produziram mais o ditongo [aj] do que os ditongos [ej] e [ow], conforme o Gráfico 04.

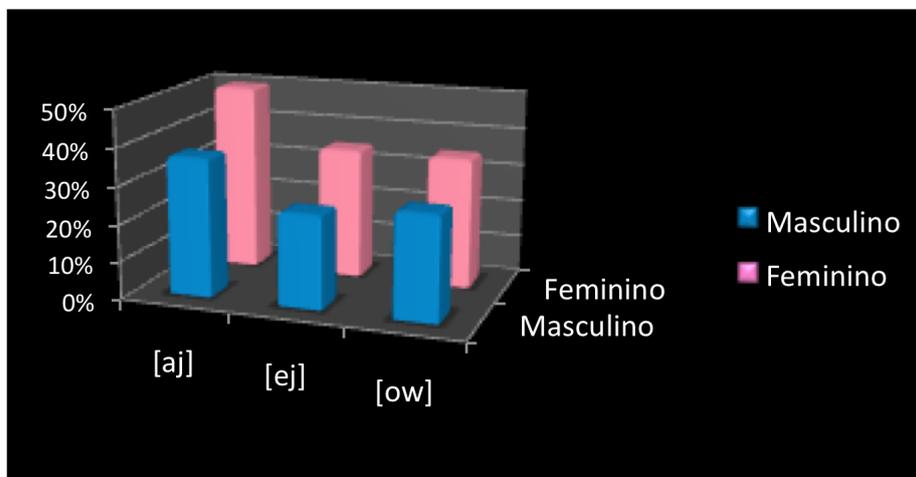


Gráfico 04 – Produção oral dos ditongos fonéticos - Sexo

De acordo com o Gráfico 04, as meninas produziram mais os ditongos [aj], [ej] e [ow] do que os meninos. A aplicação do teste não paramétrico Mann-Whitney revelou, no entanto, que existem diferenças significativas entre a produção de meninos e meninas apenas para o ditongo [ow] ($Z = - 2,61$, $p = 0,009$ em palavras isoladas; $Z = - 2,96$, $p = 0,003$ em frases). Já para os ditongos [aj] e [ej], apenas no contexto de frases a diferença é significativa ($Z = - 2,38$, $p = 0,017$) e ($Z = - 2,24$, $p = 0,025$), respectivamente.

Os estudos sociolinguísticos têm mostrado que a tendência é de as mulheres utilizarem a forma inovadora quando se trata de uma mudança linguística; quando não há uma mudança em andamento, a tendência é as mulheres utilizarem mais a forma padrão do que os homens (CHAMBERS & TRUDGILL, 1980, apud CABREIRA, 1996).

Com relação ao comportamento do ditongo [ej] seguido por [S], a pesquisa de Cabreira (1996) concluiu que as mulheres (0.64) monotongam mais do que os homens (0.38). O autor parte do princípio de que a forma padrão é a manutenção do ditongo, sendo assim, os homens utilizaram mais a forma padrão do que as mulheres, indicando um fenômeno que está em mudança linguística.

Na presente pesquisa, assim como Cabreira (op. cit), partimos do princípio de que a realização dos ditongos seja a forma padrão, mas apenas a partir da militância do papel da escrita nas produções, ou seja, a partir da 3ª série, tendo em vista os resultados apontados pelo Gráfico 03. Desta forma, a preservação da semivogal pelas meninas indica que a monotongação de [aj], [ej] e [ow] não se trataria de uma mudança em andamento.

Interessante ainda referir que, ao considerarmos o comportamento de meninas e meninos por séries distintas, os resultados apontam diferenças significativas apenas para o ditongo [ow] na produção dos alunos da 2ª série ($Z = - 2,02$, $p = 0,043$ em palavras isoladas; $Z = - 2,18$, $p = 0,029$ em frases) e para os ditongos [ow] e [ej], em contexto de frases, na produção dos alunos da 6ª série ($Z = - 2,04$, $p = 0,041$ para [ow]; $Z = - 2,00$, $p = 0,046$ para [ej]). Na 1ª e na 3ª séries, não há diferenças significativas entre as produções dos meninos e das meninas no que concerne à produção do glide. Acreditamos que, nessas séries, não houve uma diferença expressiva no percentual de produção oral dos ditongos de meninos e meninas, pois a 1ª série é o ponto de partida em direção à apropriação dos ditongos, na escrita; quanto à 3ª série, parece ser o momento decisivo quanto à influência da escrita na produção oral dos ditongos [aj], [ej] e [ow] e, ainda, parece ser o momento em que ocorre a reestruturação da representação fonológica, com a inserção da semivogal.

5. Os ditongos na escrita

Para iniciar esta seção, apresentamos o percentual total de produção dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’ na escrita, conforme o Gráfico 05. O resultado apresentado considera a zona urbana e a zona rural, somando a produção das turmas de 1ª, 2ª, 3ª e 6ª série.

Com relação ao ditongo ‘ai’, constatamos uma produção da semivogal em 84% das ocorrências. Quanto à realização do ditongo ‘ei’, verificamos uma produção de 83%. Voltando-se para a produção escrita de ‘ou’, temos uma realização da semivogal em 60% das ocorrências.

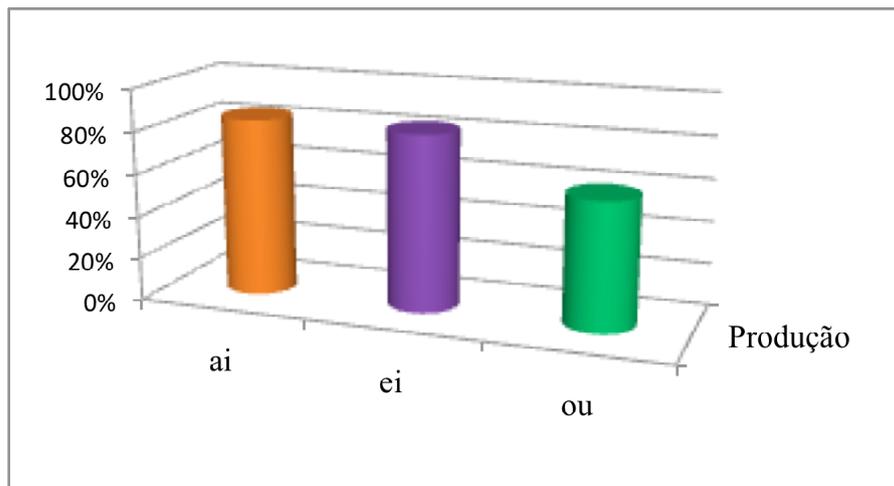


Gráfico 05 – Produção escrita dos ditongos fonéticos

Adamoli (2006) apontou 95% e 93% de produção correta do ditongo ‘ai’, na 1ª e 2ª série, respectivamente. No presente trabalho, o percentual referente à realização do ditongo é menor do que os resultados apontados na pesquisa de Adamoli (op. cit), mas bastante elevado. Em Adamoli (2013), o autor constatou 35,7% e 81% de produção do ditongo ‘ai’, sendo essas coletas realizadas na 1ª série; na 2ª série, a realização do ditongo totalizou 79%.

Com relação ao ditongo ‘ei’, Adamoli (2013) observou uma preservação da semivogal em 56,8% e 80%, na 1ª série; na 2ª, os registros da semivogal alcançaram 83%. O resultado do presente trabalho, quanto à produção do ditongo ‘ei’, é similar aos apontados por Adamoli (op. cit).

Quanto à produção de ‘ou’, Adamoli (2006) constatou uma preservação da semivogal em 71% das ocorrências na 1ª série; na 2ª série, a produção alcançou 87%. Esses índices de produção são mais elevados do que os alcançados nesta pesquisa.

Ao focalizarmos a produção ortográfica dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’ na zona urbana e na zona rural, percebemos uma similaridade quanto à preservação da semivogal desses ditongos. Apenas o ditongo ‘ou’, apresentou diferenças mais expressivas, pois os alunos da zona urbana apresentaram 65% de manutenção da semivogal; já os alunos da zona rural, registraram a semivogal em 53% das ocorrências.

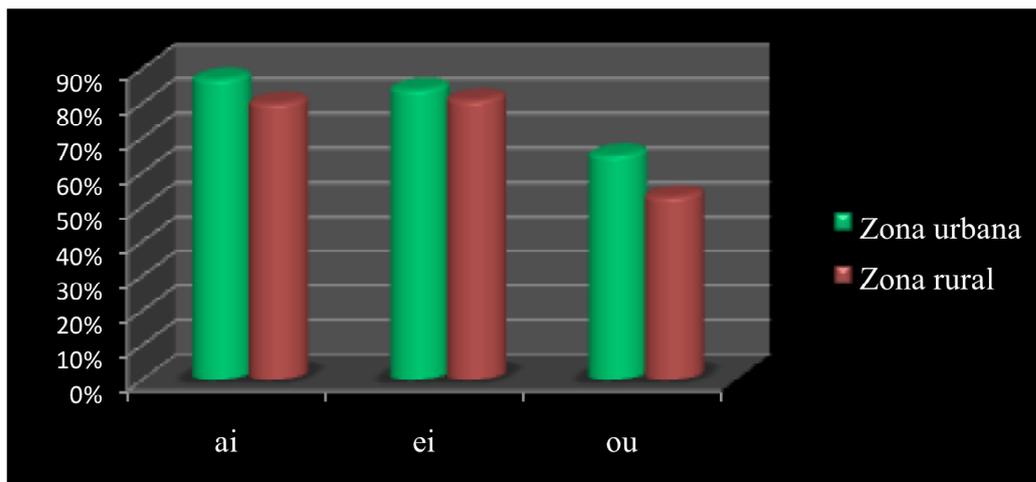


Gráfico 06 – Produção escrita dos ditongos fonéticos - Zona da escola

A aplicação do teste não paramétrico Mann-Whitney confirmou a manutenção da semivogal, de forma significativa, pelos sujeitos da zona urbana, no que concerne à produção de [ow] ($Z = - 2,27$, $p = 0,023$). Desta forma, assim como na oralidade, o ditongo [ow] foi o único a ser produzido preferencialmente pelos alunos da zona urbana.

No Gráfico 07, os resultados relacionados à produção ortográfica dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’ quanto à variável série. Ao focalizarmos a produção dos três ditongos, percebemos que os índices percentuais foram aumentando aos poucos, assim, constatamos o papel da escola quanto à apropriação da forma escrita desses ditongos.

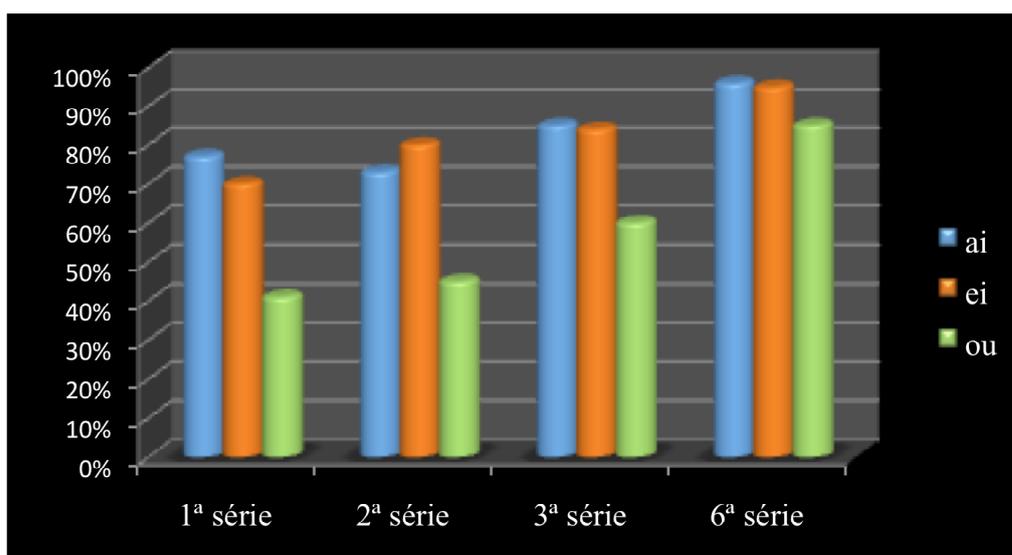


Gráfico 07 – Produção escrita dos ditongos fonéticos - Série

De acordo com o Gráfico 07, o ditongo ‘ou’ foi o que apresentou os índices mais baixos de produção em todas as turmas. Tal fato está em assonância com a alta taxa de não produção do ditongo [ow] na oralidade.

A análise estatística, por meio do teste Kruskal-Wallis, apontou diferenças significativas na produção escrita dos ditongos, ao considerarmos os quatro níveis de adiantamento aqui controlados. A aplicação do teste Mann-Whitney revelou que há diferenças significativas na produção de ‘ou’ realizada por alunos da 1ª e da 3ª séries ($Z = -2,39$, $p = 0,016$). Entre a 1ª e a 2ª séries, não foram constatadas diferenças significativas. Quanto aos resultados da 3ª e da 6ª séries, os ditongos ‘ei’ e ‘ou’ aumentaram suas produções de forma significativa ($Z = -3,54$, $p = 0,000$; $Z = -4,73$, $p = 0,000$). O ditongo ‘ai’ é o único que apresenta diferenças significativas apenas se compararmos as produções realizadas pelos alunos da 1ª e da 6ª séries ($Z = -2,53$, $p = 0,011$).

Ao compararmos a produção ortográfica dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’ em relação à variável sexo, conforme o Gráfico 08, observamos que o sexo feminino produziu os três ditongos mais do que os meninos.

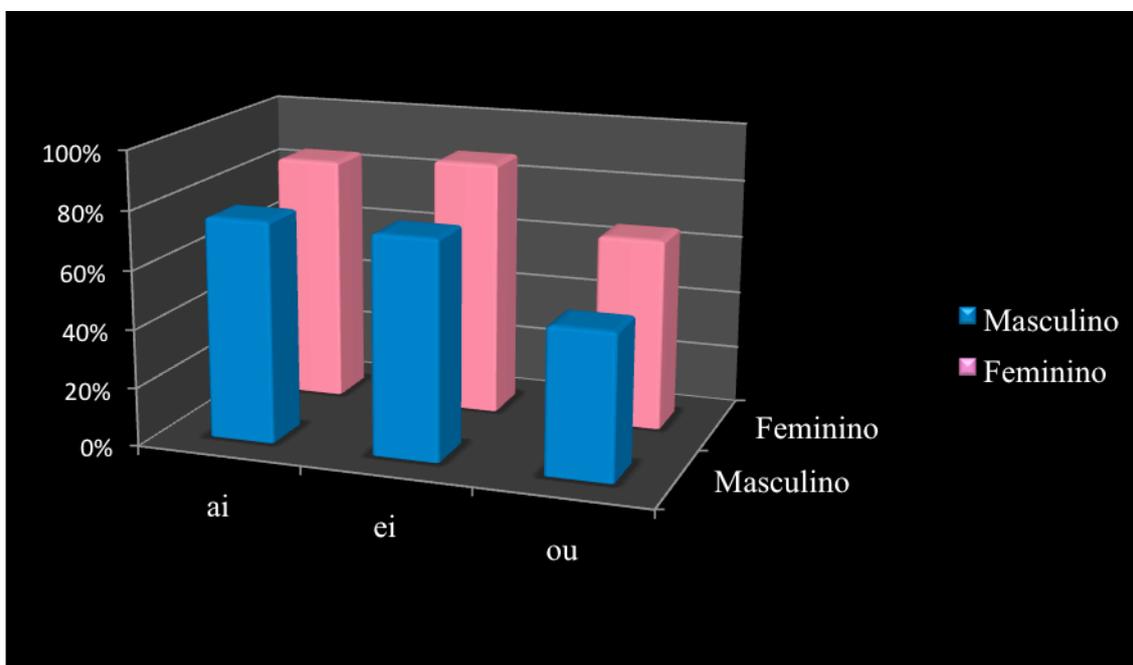


Gráfico 08 – Produção escrita dos ditongos fonéticos – Sexo

Assim como na oralidade, as meninas produziram mais os ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’ do que os meninos. A análise estatística, por meio do teste Mann-Whitney, apontou diferenças

significativas para os três ditongos ($Z = - 2,59$, $p = 0,010$, para ‘ai’; $Z = - 2,67$, $p = 0,008$, para ‘ei’; $Z = -2,53$, $p = 0,011$, para ‘ou’).

Com relação ao ditongo ‘ai’, esses dados corroboram os achados de Adamoli (2006), que chegou à conclusão, em seu estudo, que os meninos cometem mais apagamento da semivogal do que as meninas, nos primeiros textos.

Quanto à produção correta de ‘ei’, os nossos resultados vão ao encontro aos de Tasca (2002). Embora a diferença de percentual seja pequena, indica as meninas como as que mais preservam a semivogal do ditongo ‘ei’.

5.1 Comparação entre oralidade e escrita

Para finalizar, discorreremos sobre a produção dos ditongos, na oralidade e na escrita.

Os Gráficos 09 e 10 apresentam os resultados alcançados quanto à realização dos ditongos nas diferentes zonas escolares analisadas. Constatamos, para todas as sequências vocálicas investigadas, um aumento gradativo na produção escrita que perpassa todas as quatro séries.

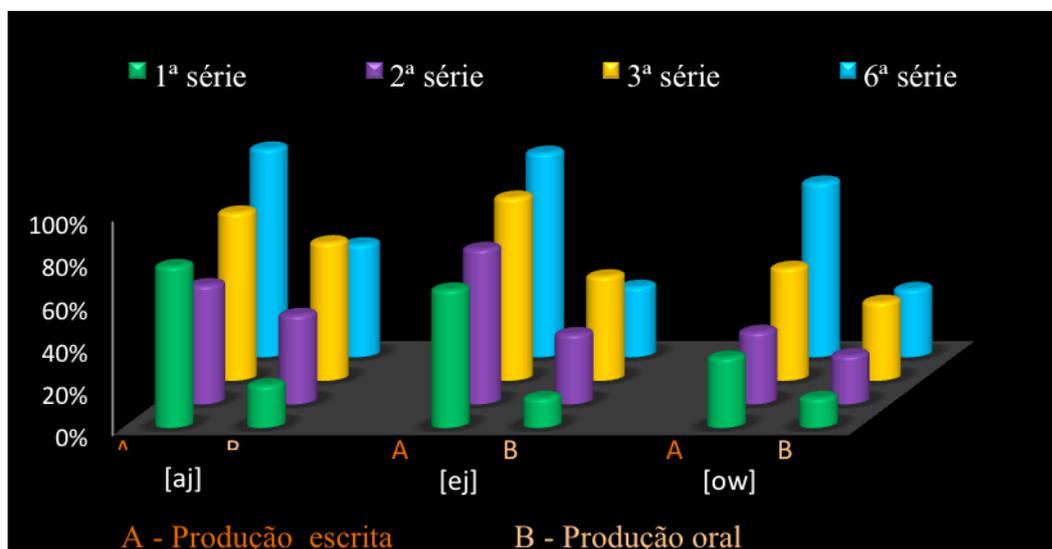


Gráfico 09 – Oralidade e escrita na zona rural

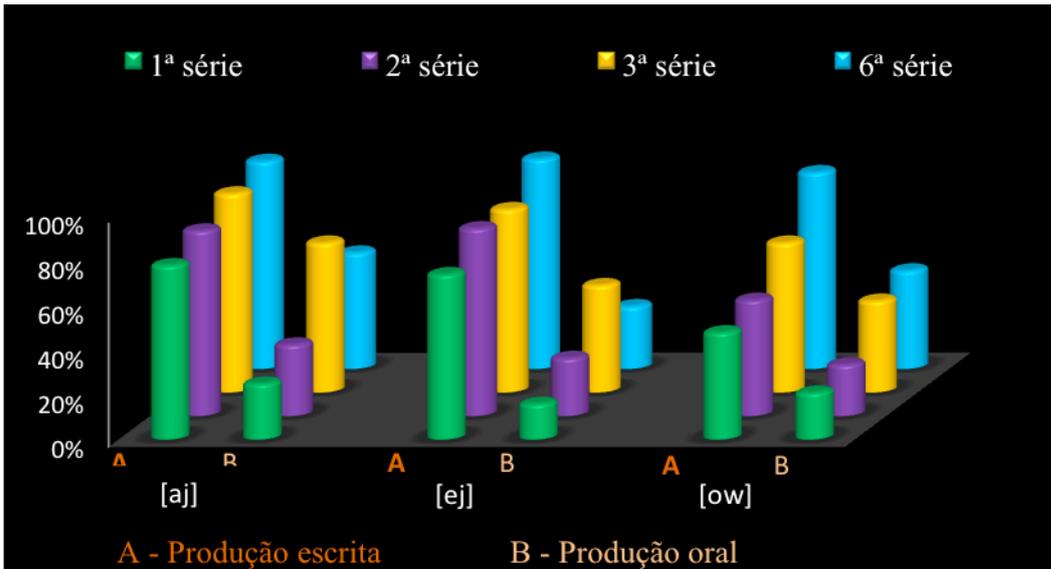


Gráfico 10 – Oralidade e escrita na zona urbana

Observamos também que o aumento na produção oral da semivogal segue a mesma tendência de crescimento gradual, no entanto, dois aspectos importantes devem ser salientados: (i) a produção na oralidade aumenta apenas até a 3ª série – exceto em relação a [ow], na zona urbana, em que o aumento atinge a 6ª série –, o que reforça a ideia de um processo de reconstrução fonológica, em que a sequência vocálica passa a fazer parte da representação constituída, anteriormente, apenas pela vogal núcleo; (ii) após a 3ª série, os índices de produção oral decrescem, o que parece indicar a aplicação efetiva de processos de monotongação no português, exatamente motivados por contextos linguísticos favoráveis à redução.

O Gráfico 11 apresenta uma comparação entre a produção oral e escrita quanto à variável sexo.

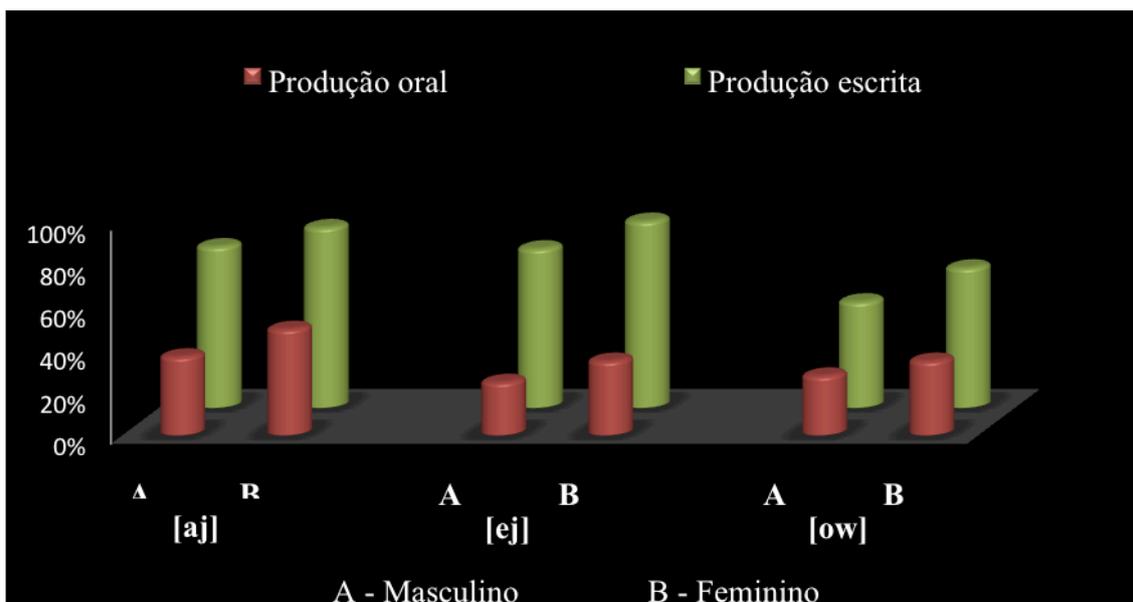


Gráfico 11 - Oralidade e escrita - Sexo

Constatamos que o sexo feminino produziu mais os ditongos [aj], [ej] e [ow] do que o sexo masculino, tanto na produção oral quanto escrita, de forma expressiva.

6. Considerações finais

Neste artigo, apresentamos a descrição e a análise de dados relativos a produções orais e escritas dos ditongos decrescentes [aj], [ej] e [ow], realizadas por alunos pertencentes à 1ª, 2ª, 3ª e 6ª série do ensino fundamental de duas escolas públicas da cidade de São José do Norte/RS, sendo uma localizada na zona urbana e a outra situada na zona rural.

A descrição e análise de dados apoiadas no programa estatístico SPSS v.17 tornaram possível algumas constatações a respeito das produções dos ditongos fonéticos [aj], [ej] e [ow]. Primeiramente, ao compararem-se resultados de ambas as coletas, percebe-se que, tanto na escrita (84%) quanto na oralidade (45%), o ditongo [aj] foi o que apresentou o índice mais elevado de produção da semivogal. Em relação ao ditongo [ej], esse apresentou índices bem distintos nas coletas, sendo que, na escrita (83%), a taxa de produção foi similar ao ditongo [aj]; na oralidade, a realização do ditongo (31%) apresentou uma produção mais baixa. Quanto ao ditongo [ow], apresentou uma produção (31%) equiparada a [ej] na oralidade; na escrita, no entanto, a realização do ditongo ‘ou’ alcançou 60%, sendo considerada uma taxa baixa em comparação aos ditongos ‘ai’ e ‘ei’.

Os resultados apontam uma maior dificuldade na apropriação escrita do ditongo ‘ou’ e também para o papel da oralidade nesse processo. O ditongo [ow] apresenta produção variável independente de contexto seguinte, como ocorre com [aj] e [ej], o que provavelmente dificulta ainda mais o processo. Verificamos também a influência da escrita na oralidade, considerando os dados orais das crianças da 2^a, 3^a e 6^a séries, em que há um aumento da produção dos ditongos.

Em relação às variáveis investigadas, podemos traçar algumas constatações:

(i) Quanto à variável zona da escola, ou seja, urbana ou rural, na oralidade, percebemos uma similaridade na realização dos ditongos, apresentando apenas uma pequena diferença de percentual na produção de [ow]. Desse modo, o teste estatístico indicou que essa variável não interfere de forma expressiva na produção dos ditongos. Já na escrita, o teste não paramétrico Mann-Whitney confirmou a preservação da semivogal, de forma significativa, pelos alunos da zona urbana, em comparação aos alunos da zona rural. Assim, concluímos que, em relação à produção dos ditongos [aj] e [ej], tanto na oralidade quanto na escrita, a variável zona da escola não influencia a supressão da semivogal. Já em relação ao ditongo [ow], os alunos da zona urbana mantiveram a semivogal mais do que os alunos da zona rural, na escrita e na oralidade, confirmando a preferência na produção de [ow] pelos alunos da zona urbana.

(ii) Em relação à variável série, na oralidade, os índices percentuais de produção foram aumentando aos poucos, apresentando uma taxa de realização dos ditongos superior na 3^a série, indicando esse nível de adiantamento como o momento de provável reestruturação do sistema fonológico – com a apropriação dos ditongos, na escrita –, devido à produção oral significativa nessa série; na escrita, os alunos vão adquirindo os ditongos à medida que as séries avançam, assim, os índices de produção vão aumentando aos poucos. A análise estatística apontou diferenças significativas entre as séries tanto na oralidade quanto na escrita, ao considerarmos as quatro séries investigadas.

(iii) Já com relação à variável sexo, constatamos que, tanto na oralidade quanto na escrita, as meninas produziram mais os ditongos [aj], [ej] e [ow] do que os meninos. A análise estatística confirmou as diferenças significativas nas produções dos dois grupos em relação a todos os ditongos, no que se refere às produções escritas. Já na oralidade, [aj] e [ej] foram produzidos mais por meninas apenas em contextos de frases; no que tange a [ow], há diferenças significativas nos dois contextos. Esses resultados corroboram o apontado pela literatura da área acerca da produção mais acurada por parte dos indivíduos do sexo feminino.

A hipótese era de que, à medida que os alunos avançassem nas séries, produziriam mais os ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’ na escrita, pois o papel da escola influenciaria a apropriação desses ditongos, nesse processo, conforme já apontado em outras pesquisas, como Adamoli (2013). Igualmente pensávamos encontrar um aumento na produção oral dos ditongos no transcorrer das séries, considerando a influência da ortografia na reconstrução do sistema fonológico. O que constatamos, no entanto, foi um aumento na produção oral somente até a 3^a. série, o que pode sinalizar para o fato de os alunos não alteram sua pronúncia, voltando a índices mais expressivos de realização apenas da vogal por perceberem que não ocorre mudança de sentido nas palavras que contêm em sua estrutura os ditongos fonéticos. Teríamos, então, uma representação fonológica inicial constituída apenas pela vogal núcleo, o que caracterizaria esses ditongos como fonéticos, de acordo com Bisol (1989). Com a aquisição da escrita, haveria uma reestruturação da representação fonológica – corroborada pelo aumento da presença do glide na produção oral, no transcorrer da 1^a. a 3^a. série – passando, então, a uma representação formada por duas vogais. Desta forma, a produção de uma estrutura CV, por crianças da sexta série e por adultos alfabetizados, para alvos CVV, indicaria, então, a ocorrência de monotongação, conforme proposta de Cabreira (1996).

Esta pesquisa foi, portanto, capaz de apresentar e discutir dados orais e escritos de alunos de quatro níveis de adiantamento de duas escolas, sendo uma localizada na zona urbana e a outra situada na zona rural, assim como acompanhar a evolução da aquisição gráfica dos sujeitos investigados nesta pesquisa quanto aos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow]. Os resultados aqui encontrados podem contribuir para o processo de aquisição gráfica dos respectivos ditongos, pois o conhecimento da relevância de determinadas variáveis, como inibidoras ou favorecedoras da produção escrita das semivogais, pode conduzir a propostas de atividades mais eficazes para um melhor desempenho na apropriação gráfica dessas sequências vocálicas. Esta pesquisa contribui, também, para propostas de representação fonológica dos ditongos investigados.

Os resultados encontrados destacam-se, ainda, por corroborarem o papel da escrita na oralidade, tendo em vista o expressivo aumento da realização oral dos ditongos no transcorrer do avanço da escolaridade, o que sinaliza para uma reconstrução do sistema fonológico do português.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M. B. Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. In: LAMPRECHT, Regina (org.). *Aquisição da linguagem: questões e análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- ADAMOLI, M. A. *Aquisição dos ditongos orais mediais na escrita infantil: uma discussão entre ortografia e fonologia*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação), UFPel, Pelotas, 2006.
- _____. *Um estudo sobre o estatuto fonológico dos ditongos variáveis [aj] e [ej] do PB a partir de dados orais e ortográficos produzidos por crianças de séries iniciais*. 2013. Tese (Doutorado em Educação), UFPel, Pelotas, 2013.
- AMARAL, M. P. *As proparoxítonas: teoria e variação*. 2000. Tese (Doutorado em Letras), PUCRS, Porto Alegre, 2000.
- _____. *Ditongos variáveis no sul de Brasil*. Letras de Hoje. v. 40, n. 3, p. 101-116, 2005.
- BISOL, L. *O ditongo na perspectiva da fonologia atual*. D. E. L. T. A., v. 5, n. 2, p. 185-224, 1989.
- _____. *Ditongos derivados*. D. E. L. T. A., v. 10, n. Especial, p. 123-140, 1994.
- _____. *A sílaba e seus constituintes*. In: NEVES, Maria Helena de M. (Org). *Gramática do português falado*. Campinas: Unicamp, 1999. v. VII.
- _____. *Ditongos derivados: um adendo*. In: LEE, S. H (org). *Vogais além de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012.
- BONILHA, G. F. G. *Aquisição dos ditongos orais decrescentes: uma análise à luz da Teoria da Otimidade*. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras), UCPEL, Pelotas, 2000.
- CABREIRA, S. H. *A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre*. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras), PUCRS, Porto Alegre, 1996.
- CHACON, L. *Para além de vínculos diretos entre características fonético-segmentais e ortográficas na escrita infantil*. Rev. Estudos Linguísticos. Belo Horizonte, v. 16, n.1, p. 215-230, 2008.
- COLLISCHONN, G. *A sílaba em português*. In: BISOL, Leda (Org). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- MOLLICA, M. C. *Influência da fala na alfabetização*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

PEREIRA, G. *Monotongação dos ditongos /aj/, /ej/, /ow/ no português falado em Tubarão (SC): estudo de casos*. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem), Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2004.

SILVA, T. B. *A redução da nasalidade em ditongos de sílaba átona em final de vocábulo entre falantes bilíngues e monolíngues do Rio Grande do Sul*. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras), UFRGS, Porto Alegre, 2005.

TASCA, M. *Interferência da língua falada na escrita das séries iniciais: o papel de fatores linguísticos e sociais*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

TESSARI, E. B. *Operações fonológicas nas alterações ortográficas. A presença da fonologia na ortografia*. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras), UCPEL, Pelotas, 2002.